

Londres, 1851-1901

A era vitoriana
ou o triunfo das desigualdades

Organizado por Mônica Charlot e Roland Marx

Tradução:
Lucy Magalhães

Revisão técnica:
Francisco J.C. Falcon

Jorge Zahar Editor
Rio de Janeiro

Titulo original:
Londres, 1851-1901
L'ère victorienne
ou le triomphe des inégalités

Tradução autorizada da primeira edição francesa,
publicada em 1990 por Éditions Autrement, de Paris, França,
na Série Mémoires, dirigida por Henry Dougier.

Copyright © 1990, Éditions Autrement

Copyright © 1993 da edição em língua portuguesa:

Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31, sobreloja
20031-144 - Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021) 240-0226 / Fax: (021) 262-5123

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação do copyright. (Lei 5.988)

Edição para o Brasil.

Editoração eletrônica: TopTextos Edições Gráficas Ltda.

ISBN: 2-86260-308-2 (ed. orig.)

ISBN: 85-7110-265-1 (JZE, RJ)

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

L838

Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das
desigualdades / organizado por Monica Charlot e
Roland Marx; tradução Lucy Magalhães; revisão
técnica, Francisco J. C. Falcon. — Rio de Janeiro:
Jorge Zahar Ed., 1993

(Memória das cidades)

Tradução de: Londres, 1851-1901: L'ère victorienne
ou le triomphe des inégalités.

Anexos
ISBN: 85-7110-265-1

1. Londres (Inglaterra) — História — 1850-1950. 2.
Londres (Inglaterra) — Condições sociais — 1850-1950.
I. Charlot, Monica. II. Marx, Roland III. Série.

93-0817

CDD — 942.06081
CDU — 942.1

Sumário

1. Prólogo

A sociedade "dual" por excelência 13
MONICA CHARLOT E ROLAND MARX

2. O choque da chegada

O viajante, mesmo preparado para tudo pelos guias que proliferam na
época vitoriana, dos quais Baedeker é certamente o melhor, tem que
suportar o choque da imensidão, do barulho, dos odores, da louca
circulação dos homens a pé, a cavalo, de carruagem... ou dos canteiros
de obras, que cortam e rasgam os bairros. As vezes, uma festa
completa o cenário, e, com ela, o deslumbramento e a revelação
imediate do poder e da grandeza...

A grandiosidade britânica 21
ROLAND MARX

Por ocasião das exposições universais, construíram-se obras
audaciosas: o Palácio de Cristal, em 1851, outro edifício de ferro e vidro
em 1862. Os seis milhões de visitantes foram testemunhas do
progresso técnico da Grã-Bretanha industrial.

Estações, fiacres, termas e esgotos 30
ÉLISÉE RECLUS E KARL BAEDEKER

Impressões de dois viajantes célebres sobre o espaço londrino em 1865 e
em 1894. Do bom uso de guias em que as informações acompanham as
advertências mais espantosas. Classes trabalhadoras, classes perigosas...

O spleen dos exilados franceses 39
MONICA CHARLOT

Para Jules Vallès, "a rua de Londres é enorme e vazia — e tão muda como uma fileira de túmulos — ou repleta de carne humana, entulhada de veículos, cheia a ponto de forçar os muros, barulhenta como um levantar de acampamento e a debandada de um exército derrotado. Mas são ruídos surdos, um barulho constante de usina, um tumulto animal — não uma explosão de vida e paixão".

Luxo, algazarra e mau cheiro 47
CLAUDE-LAURENCE LACASSAGNE, NEIL DAVIE

Uma cidade olfativa; ainda é a capital dos cavalos e seus excrementos; criam-se porcos e aves; os esgotos, quando existem, são a céu aberto em grande parte do East End... Os canteiros de obras públicas, o tráfego louco dos veículos, os gritos e chamados, o barulho das máquinas industriais... Claude-Laurence Lacassagne descreveu sobretudo os odores. Neil Davie voltou sua atenção para os ruídos.

3. A sociedade "dual", bairros nobres e pardieiros

O contraste entre a exibição de riquezas e a diversidade dos centros de poder, a extensão da miséria e os grandes medos que ela gera, e também a variedade dos lazeres e o gosto pela "festa": esses são os grandes temas inspirados pela visão da grandiosidade esmagadora da metrópole imperial. Este capítulo destaca os pontos fortes da vida de Londres no momento da preponderância mundial do Reino Unido, na era do imperialismo triunfante, quando se iniciou a corrida pela adaptação do regime às aspirações democráticas, antes da explosão de uma revolução social julgada iminente. Analisam-se uma mentalidade e um sistema de valores que, "vitorianos" ou "albertianos", deram ao século XIX as cores da moralidade no tempo da busca desenfreada do ouro, do poder, e do domínio sobre outros.

Harrod's, o altar da moda 61
CLAIRE CHARLOT

O fim da época vitoriana foi o tempo de uma verdadeira "revolução do comércio varejista". Londres conheceu então o progresso de uma pequena burguesia de comerciantes e comerciários. Mas a concentração de riquezas é rápida e Harrod's simboliza o triunfo das grandes lojas de departamentos, com suas luzes, suas tentações... e seu poder de atração.

O East End de Yaacov Revinski 69
LUCIENNE GERMAIN

Numa mistura de inglês e fôdiche, os apelos dos vendedores ambulantes vinham de todos os lados, cobrindo o rumor das conversas: "Três limões por um *shitbur* (penny)!" "Pickles (pepinos em conserva) deliciosos!" "Provem este *schraime* (rabanete)!" "O quê? Meu arenque não está fresco?"

A gentry, sua temporada e seus ritos 76
SUZANNE BAUDEMONT

Sob sua aparente futilidade, a "temporada" tem uma função precisa: é o mercado de casamentos para as jovens da alta sociedade. Quem movimenta esse mercado são as mulheres, as mães.

O comportamento dos participantes obedece a uma regra máxima: mostrar-se nos lugares certos (*the right place*), em companhia de pessoas bem-nascidas, ricas, influentes (*the right people*), com as roupas certas para as diversas horas do dia (*the right clothes*).

O salão Rossetti: Cheyne Walk, 16, Chelsea 85
DANIELLE BRUCKMULLER-GENLOT

Os pré-rafaelistas foram a única grande escola de pintura da Inglaterra vitoriana. Dante Gabriel Rossetti foi um dos seus guias, com sua irmã Christina. O salão de ambos reuniu os intelectuais mais "revoltados" da época, e também os mais distantes da moral convencional e os mais truculentos.

Escritores, pubs e cafés 98
BERNARD RICHARDS

Como ignorar a riqueza de uma cidade que abrigou Charles Dickens, George Bernard Shaw, H.G. Wells, William Morris, Oscar Wilde e tantos outros, originários da capital ou imigrantes atraídos pelo seu brilho?

Shaftesbury Avenue, as luzes da ribalta 104
KEITH GORE

O mais antigo e mais popular dos meios de comunicação comum a todas as classes na época de uma grande modificação e divisão do público. A era dos grandes atores.

A hierarquia das prostitutas 112

KEITH ROBBINS

A "hipocrisia vitoriana" foi marcada por dois personagens emblemáticos e complementares — a "Madona" ou a mãe de família e a "Madalena" —, pelo verdadeiro tráfico de escravas brancas, revelado e denunciado pela imprensa da época, pelo estranho contraste entre a repulsa às "mulheres degeneradas" e a preocupação com a preservação de sua liberdade de agir.

Sherlock Holmes of Baker Street 123

ROLAND MARX

Do mundo inteiro ainda se escreve para "ele", para esse endereço conhecido de todos. Oportunidade para se descrever o mundo da criminalidade, os recursos da polícia londrina, os crimes mais impressionantes, especialmente as "façanhas" de Jack o Estripador. E constatar a extraordinária popularidade do herói de Conan Doyle.

O homem que ria à noite 128

ALEXIS LECAYE

E se porventura sir Arthur Conan Doyle não estivesse morto e aparecesse um caso recente, que ele aceitasse publicar? As atribulações, nos bairros da cidade, de oeste a leste, de um jovem detetive amador, Hippolyte Vernef.

As trombetas da caridade 143

ROLAND MARX

Dizer aos pobres que a salvação pela fé é possível e perceber que barriga vazia não tem ouvidos: esse foi o destino singular de William Booth, que recorreu ao prestígio da farda para combater, com seu Exército da Salvação, a decadência dos miseráveis.

O poder: The City, Fleet Street, Westminster 149

ALAIN PLESSIS, JEREMY BLACK, G.H.L. LE MAY

Emblema do poder financeiro, dos bancos, da bolsa, a City afirma seu papel de "banqueiro do mundo". A era vitoriana é também a primeira idade do ouro da imprensa escrita (Fleet Street). E o Parlamento ocupa um lugar central na capital e no espírito dos súditos da rainha Vitória.

4. Fim de festa

Junto com a rainha todo um século se extingue. A posteridade se lembrará, certamente, de que uma *Belle Époque*, a era "eduardiana", precedeu os primeiros tumultos dos anos 1910. Em 1901, soa a hora do luto, das lembranças, da sensação de vazio, da vertigem de contemplar as imensas mutações do passado e temer que os homens do futuro não estejam à altura dos gigantes desaparecidos.

Morte e funerais da rainha Vitória 175

MONICA CHARLOT

Depois dos dois jubileus de 1887 e 1897, os funerais da rainha, de acordo com a sua própria vontade, foram a última grande "festa" pública oferecida aos londrinos. Era o momento de se fazer o balanço de um reino.

5. Anexos

Cronologia 185

Sobre os autores 189

Estações, fiacres, termas e esgotos...

ÉLISÉE RECLUS E KARL BAEDEKER

Impressões de dois viajantes célebres sobre o espaço londrino em 1865 e em 1894. Do bom uso de guias em que as informações acompanham as advertências mais espantosas. Classes trabalhadoras, classes perigosas...

A posição topográfica de Londres é muito feliz. Situada sobre as duas margens do Tâmsa, na extremidade oriental de uma bacia que contém hoje um quarto ou um quinto da população e da riqueza do reino, Londres foi construída no local exato em que o Tâmsa torna-se um grande rio; é ali que param os navios que sobem para o interior da ilha. A parte setentrional de Londres eleva-se numa espécie de circo semeado de colinas de inclinação suave, como se pode facilmente observar nos muitos parques, praças e longas ruas que atravessam a cidade de uma extremidade a outra. Uma fila de colinas pitorescas, as de Willesden, de Hampstead (124 metros), de Highgate, de Mount-Pleasant etc., dominam a cidade ao norte; um riacho, conhecido pelo nome de Fleet, desce dessas elevações e, transformado em esgoto, corta a cidade em duas metades por um profundo vale.

A parte meridional de Londres, muito menos considerável, aliás, do que a parte norte, goza de uma situação menos feliz e menos pitoresca; vários de seus bairros são construídos sobre antigos pântanos e se encontram inclusive abaixo do nível das marés altas. Apenas

* Textos extraídos de *Londres illustré*, de Élisée Reclus, Paris, Hachette, 1865, e de *Londres*, de Karl Baedeker, Londres, 1894 (seleção: Roland Marx).

a duas milhas, aproximadamente, ao sul da praia, é que o terreno se ergue um pouco para formar algumas colinas insignificantes, Denmark Hill, Rêd-Post Hill etc.

As duas partes de Londres recobrem um território de cerca de 35.000 hectares, ou seja, 350 quilômetros quadrados ou um retângulo de quase 19 quilômetros de lado. Assim, a capital da Inglaterra, com todos os seus subúrbios, ocupa uma superfície cinco vezes maior do que a Paris atual, cuja superfície, compreendida no contorno de suas fortificações, está avaliada em 70 quilômetros quadrados. Essa imensa extensão da metrópole da Inglaterra se explica pelo número de praças e parques situados no interior da cidade, pela largura das ruas, pela quantidade dos terrenos vagos que ainda separam os subúrbios uns dos outros, principalmente pela altura pouco considerável das casas.

O Tâmsa, em seu curso através de Londres, descreve duas curvas principais que lhe dão uma forma mais ou menos semelhante à da letra M. A jusante de Chelsea, desce em linha reta para o norte; depois, após ter passado sob a ponte de Westminster, descreve uma grande curva para leste, e continua a seguir essa direção até London Docks, além dos muros da City. Lá, dirige-se para nordeste, depois alarga-se entre suas duas margens lodosas, inclina-se para o sul e contorna com suas águas amareladas a Península dos Cães (Isle of Dogs).

A largura do leito varia consideravelmente. Nas pontes de Blackfriars e Vauwhall, ela é de 210 metros; na ponte de Waterloo, é de 420 metros, ou seja, exatamente o dobro.

Do ponto de vista político, Londres, situada nos três condados de Middlesex, ao norte, de Surrey, ao sul, de Kent, a sudeste, e prolongando algumas de suas ruas orientais até um quarto condado, o de Essex, se compõe de três *cities* — a City propriamente dita, a de Westminster, a de Greenwich — dos cinco burgos de Marylebone, Finsbury, Tower-Hamlets, Lambeth, Southwark, e de numerosas comunas de subúrbio, Hampstead, Kentish-Town, Islington, Bow, Stratford, Deptford, Woolwich, Camberwell, Clapham, Battersea, Chelsea, Kensington, Fulham, Hammersmith etc. Mas as demarcações sociais de Londres são bem mais interessantes de conhecer do que sua divisão política.

A City de Londres, situada quase no centro da metrópole do Reino Unido, é apenas uma pequena parte dela, pois sua superfície abrange somente 221 hectares. Sua população chega a 125.000 pessoas. Na multidão que ali se aglomera durante o dia, os residentes são apenas a décima parte. Os escritórios, as lojas, os edifícios públicos invadem doravante o espaço ocupado outrora pelas casas. (...)

O estrangeiro que quiser ficar em Londres durante certo tempo fará bem, repetimos, em alugar um apartamento ou um quarto logo que possível. Encontram-se apartamentos mobiliados de todos os preços, a partir de 6, 8 e 10 s.* até 10 e 15 guinéus por semana. Em geral, os aluguéis são muito menos caros em Londres do que em Paris; entretanto são bastante caros no West End, por causa da "respeitabilidade" desse bairro aristocrático. No West End, encontram-se as melhores residências. É melhor alugar aposentos numa residência particular do que com agentes imobiliários profissionais: estes cobram muito mais caro e nem sempre são atenciosos com os estrangeiros. Muitas casas em cujas janelas não se vêem cartazes como *apartments to let* ou *furnished lodgings*, têm entretanto quartos para alugar; assim, quando se quer morar em determinado bairro, é conveniente dirigir-se a um dos muitos *house-agents* (agentes que vendem ou alugam casas), estabelecidos por toda a cidade. Pode-se também publicar um anúncio (*advertisement*) no *Times*, tendo o cuidado de acrescentar: *no lodging-house keeper need apply* (agentes profissionais não precisam responder), e é quase certo que seja encontrado um quarto agradável e tranqüilo, numa casa do bairro onde se quer morar. Em geral, é possível preparar as refeições na casa em que se mora. Nos arredores de Holborn, no próprio centro da cidade, em Bedford Square, em Russell Square etc., pode-se muito bem viver assim por 2 ou 3 libras esterlinas por semana.

Se o estrangeiro desejar ficar por mais de um ano na cidade de Londres, será vantajoso alugar uma casa em um subúrbio. As inúmeras casinhas com seis, oito ou dez quartos, que se elevam ao longo das largas avenidas desses subúrbios, têm todas o seu jardim, e seu aluguel é em média de 30 a 50 libras por ano, isto é, mais ou menos o mesmo de um simples apartamento nos arredores de Paris. As despesas diárias ocasionadas pela necessidade de andar de ônibus ou fiacre são largamente compensadas pelo privilégio de respirar ar puro.

Os estabelecimentos de banhos com piscinas bem largas para os nadadores são numerosos em Londres (...).

Preço dos banhos de água de rio fria, 1 s.; de água do mar fria, 3 s. 6 d.**; de água de rio quente, 3 s. 6 d.; de água do mar quente, 7 s. 6 d. Preço do banho em piscina de natação, de 6 d. a 1s. Os preços são bem mais baixos para as assinaturas mensais ou anuais.

* Abreviatura de *shilling*, moeda inglesa divisionária da libra esterlina. Em português — xelim. (N.E.)
 ** Abreviatura de *denário*, antiga moeda romana. O mesmo que *penny*, moeda divisionária inglesa. (N.E.)

Tal como em Paris, locais de banho também foram instalados no Tâmsa, suspensos entre os arcos das pontes; mas a água do rio é tão carregada de impurezas que se parece com um esgoto. Os estrangeiros que se banham ali expõem-se a doenças graves.

Há alguns anos, os banhos turcos (*turkish baths*), em que o corpo recebe uma massagem completa, estão muito em moda na Inglaterra. entre os estabelecimentos que os oferecem, citaremos principalmente *Oriental Baths*, edifício de estilo mourisco, situado em Victoria Street, Westminster, perto de Westminster Abbey; o estabelecimento de banhos do Dr. Skelton, em frente à Somerset House, Strand; o do Dr. Ritterbrandt (...).

São mais de 1.200 os ônibus de Londres e pertencem a várias companhias distintas. Têm sobre os nossos ônibus franceses a vantagem de serem mais rápidos e de se sucederem a intervalos muito mais curtos. Assim, graças à concorrência, é raro que não se encontre lugar neles. Os condutores cujos veículos não estejam cheios não se mostram menos atentos do que os cocheiros de fiacre aos pedestres que esperam nos passeios. Os preços são os mesmos na parte inferior e na superior. Paga-se na saída. A circulação dos ônibus começa às oito horas da manhã e continua até às onze horas da noite ou meia-noite. Os preços são, em geral, de 3, 4 e 6 d., segundo a distância percorrida; mas dobraram em função da Exposição, e agora paga-se 6 d. pela menor distância. Os preços estão escritos no exterior dos veículos.

Fazendo-se uma assinatura, obtém-se uma economia de 10% no preço das corridas. O número de lugares é de 20 a 24, sendo 12 ou 13 na parte inferior.

As principais linhas de ônibus atravessam a cidade de norte a sul e de leste a oeste, seguindo sempre as grandes artérias comerciais. Os veículos têm um nome especial, segundo a linha que percorrem ou a companhia a que pertencem. Esse nome está escrito em grandes letras de cada lado do ônibus; os bairros percorridos são indicados por inscrições menores. Além disso, distinguem-se os ônibus das linhas principais por suas cores: os de Waterloo, Pimlico e Royal Blue são pintados de azul; os de Kensington de vermelho; os de Brompton e Putney de branco; os de Clapham de marrom; os de Bayswater de verde etc. (...)

Os fiacres (*cabs*) percorrem as ruas de Londres em número de três mil, aproximadamente. São em geral bastante cômodos, e os chamados

hansom-safety cabs têm a vantagem de não perder a estabilidade. São veículos de aparência estranha, com rodas muito altas, conduzidos por cocheiros cujo assento está colocado na parte traseira. É inútil mencionar onde há pontos desses fiacres, pois circulam incessantemente em todas as ruas principais, e os cocheiros que voltam sem passageiros nunca deixam de interpelar os transeuntes; *Cab, sir? cab, sir?* Os pontos distribuídos pelas ruas e praças mais freqüentadas têm espaço suficiente para 1.815 veículos.

Nem sempre os cocheiros de fiacre são bem-educados e conscienciosos, e, para não se deixar enganar, o estrangeiro fará bem em pagar antecipadamente o preço da corrida. Nesse caso, basta saber um pouco de inglês para consultar seja o cartão do *Indicador Bradshaw*, cujo verso contém a lista dos preços da ferrovia e dos barcos a vapor nas principais estações de Londres, seja o mapa das distâncias (*red book of cabfares*, 1 s.), publicado pela polícia metropolitana.

A tabela de preços para fiacres é a seguinte:

Fiacres (por corrida): 6 d. por milha ou fração, num raio de 4 milhas em torno de Charing-Cross (ver mapa de Londres). Além desse raio, o preço é de 1 s. por milha. Quando o passageiro sai, não é obrigado a pagar nada pelo retorno do cocheiro à cidade. Mas é de praxe dar ao cocheiro, qualquer que seja a distância, 6 d. de gorjeta. Recusar essa gorjeta tradicional seria pretexto para discussões desagradáveis. Assim, uma corrida de menos de uma milha sai por 1 s., embora esteja tabelada em 6 d.

Em cada parada de 15 minutos ou em várias paradas perfazendo 15 minutos, o cocheiro tem direito a 6 d. além do preço da corrida, mas não pode exigir nada por uma parada de menos de 15 minutos.

Fiacres (por hora): 2 s. por hora ou fração; 6 d. por quarto de hora ou fração além desse tempo. Se se ultrapassar um raio de quatro milhas em torno de Charing-Cross, deve-se pagar 1 s. por milha além desse raio. Quando o viajante quer um fiacre por hora, deve especificá-lo antecipadamente ao cocheiro; de outra forma, este tem o direito de exigir o pagamento por corrida. Não se pode obrigar um cocheiro a trabalhar por hora depois das oito horas da noite ou antes das seis horas da manhã. Quando o número de passageiros for superior a dois, deve-se pagar 6 d. por pessoa pela distância total, além da tarifa da corrida. Duas crianças de menos de dez anos pagam o mesmo preço de um adulto. Todos os fiacres numerados que se encontram no ponto são obrigados a aceitar passageiros, a menos que o cocheiro prove que seu veículo já está reservado.

Bagagens: O cocheiro não pode exigir mais do que a tarifa normal por pequenos volumes colocados dentro ou fora do veículo, mas se os passageiros forem três ou mais, o cocheiro cobra 2 d. por volume transportado fora do veículo.

Velocidade e distâncias: Quando o fiacre é pago por corrida, o cocheiro não pode conduzir seu cavalo com uma velocidade menor que 6 milhas por hora, a menos que o passageiro lhe peça expressamente que vá mais devagar, ou que aconteça um impedimento imprevisto. Quando se paga o veículo por hora, o cocheiro tem direito de conduzir com uma velocidade de apenas 4 milhas por hora, e se o passageiro lhe pedir mais rapidez, poderá exigir 6 d. por milha percorrida no espaço de uma hora, além de 4 milhas. Em qualquer caso, o cocheiro é obrigado a levar o passageiro a qualquer local cuja distância não exceda 6 milhas.

Números dos fiacres: Todo cocheiro é obrigado a entregar ao passageiro um cartão impresso com o número de seu veículo. Esse cartão é indispensável em caso de reclamação. O número de pessoas que o cocheiro é autorizado a transportar, assim como o preço da corrida por milha devem estar legivelmente marcados no interior e no exterior do veículo. O cocheiro não deve esquecer de conservar um exemplar da tabela, e é obrigado a mostrá-la a pedido do passageiro.

Desentendimentos: Em caso de discussão sobre o preço, o passageiro pode exigir que o cocheiro o conduza à delegacia de polícia mais próxima, onde o funcionário de serviço dará uma decisão imediata. Se o desentendimento ocorrer após o fechamento das delegacias, o passageiro deve fazer-se levar a um plantão de polícia, onde sua queixa será imediatamente registrada. A decisão será dada no dia seguinte pelo responsável pelo bairro (...)

Élisée Reclus

Quando se chega pelo Tâmsa, o controle alfandegário se faz durante o trajeto, depois de Gravesend. Se o barco não se aproximar da margem, ficando ancorado no meio do rio, deve-se ir à terra de canoa (6 d. por pessoa e 3 d. por volume; 6 d. para o carregador). Só os barqueiros e carregadores autorizados, identificados por uma placa, estão sujeitos a essas tarifas. Há sempre policiais no cais.

Polícia e precauções: Necessitando-se de uma informação, dirigir-se a um dos *policemen* (guardas civis) que se encontram em toda cidade. Eles formam um corpo de 15.000 homens, que trabalham para defender o público contra os ladrões profissionais que infestam a capital da Inglaterra e para facilitar o trânsito. São reconhecidos facilmente por seu uniforme azul-escuro e chapéu de feltro. Na gola do uniforme,

trazem os números e letras do seu bairro marcados em branco, e em amarelo na City. Se não houver *policeman* nas proximidades, peça informações numa loja. Só dirigir-se a um transeunte em caso de absoluta necessidade, e não responder a nenhuma pergunta de algum deles, principalmente em francês, por mais incivil que isso possa parecer, pois tal pergunta é em geral o começo de um roubo ou de uma trapaça. Desconfiar também das mulheres da rua e até das meninas vendedoras de flores ou fósforos (*matches*), que sabem muito bem como fazer chantagem. Recomendamos ao estrangeiro estar sempre atento, principalmente à sua bolsa e ao seu relógio, pois Londres atemiga de ladrões e escroques incrivelmente hábeis, dos quais os próprios habitantes de Londres só escapam com dificuldade. Essa recomendação deve ser lembrada especialmente ao entrar e sair dos trens e ônibus e em todos os lugares em que houver multidão. A propósito, notaremos que é costume, para os pedestres, conservar a direita nas ruas movimentadas, mas as viaturas vão à esquerda. Evitar também, à noite, os bairros pobres e as ruas afastadas (...)

Distinguem-se em Londres os seguintes bairros, segundo sua população e os ofícios que se exercem neles:

Margem esquerda — *Long-Shore*, bairro que se estende a leste da City ao longo do Tâmesa, composto, em sua maior parte de cais, canteiros de obras, entrepostos e fábricas, e habitado por construtores de navios, carregadores, marinheiros e vendedores de objetos para equipar os barcos; *Whitechapel*, com as refinarias de açúcar e seus operários alemães, um bairro miserável; *Houndsditch* e *Minories*, o bairro dos judeus; *Bethnal-Green*, *Spitalfields* e uma porção de *Shoreditch*, ao norte da cidade, distrito das fábricas e da população pobre. Esses últimos bairros são habitados, na maior parte, por operários da indústria da seda, muitos deles descendentes dos protestantes vindos da França por ocasião da revogação do Edito de Nantes (1685). Em seguida vêm: *Clerkenwell*, entre *Islington* e *Hatton-Garden*, distrito dos relojoeiros e operários metalúrgicos; *Paternoster Row*, perto de Saint-Paul, centro da indústria do livro; *Chancery Lane* e *Inns of Court*, bairro dos advogados e da magistratura.

Margem direita — *Southwark* e *Lambeth*, com suas numerosas oficinas de cerâmica, vidros, fábricas de máquinas, cervejarias e entrepostos de lúpulo; *Bermondsey*, onde se encontram grandes curtumes, fábricas de cola e depósitos de lã; *Rotherhithe*, na maior parte habitado por marinheiros e carpinteiros navais.

Uma lei eleitoral de 1885 dividiu Londres em *City Proper* e 27 circunscrições metropolitanas, *Metropolitan Boroughs*, que elegem juntas 57 membros do Parlamento: *Westminster*, *Battersea*, *Bethnal-Green*, *Camden*, *Chelsea*, *Chapham*, *Deptford*, *Finsbury*, *Fulham*, *Greenwich*, *Hackney*, *Hammersmith*, *Hampstead*, *Islington*, *Kensington*, *Lambeth*, *Lewisham*, *Marylebone*, *Newington*, *Paddington*, *Saint-Pancras*, *Shoreditch*, *Southwark*, *Tower-Hamlets*, *Wandsworth*, *West-Ham* e *Woodwich*.

Estatística — Tudo isso forma a imensa metrópole da Inglaterra, que ainda cresce diariamente em todas as direções. Na verdade, é menos uma cidade do que uma reunião de cidades justapostas. Hoje, tendo duplicado durante os cinquenta últimos anos, mede 14 milhas inglesas de comprimento de leste a oeste, a partir de Stratford e Blackwall até Kew-Bridge e Acton, e 8 milhas do norte ao sul, de Clapham a Holloway. Ocupa uma superfície de 122 milhas ou 316 quilômetros quadrados, na qual se cruzam 7.800 ruas, formando um comprimento total de 3.000 milhas ou mais de 4.800 quilômetros.

Todavia, essa imensidade também se deve em parte aos seus vastos parques e à exigüidade das casas, que em geral não chegam a 3 andares. Esse último aspecto, assim como a aparência simples das casas — de tijolos e com pequenas janelas de guilhotina, logo escurecidas pela fumaça de carvão e pela umidade — se explica pelo fato da maioria delas ser construída sobre terreno alugado, no máximo por 99 anos, sendo a propriedade mais ou menos inalienável e pertencendo a um número restrito de grandes proprietários.

O último recenseamento, de 1891, constatou uma população de 4.211.056 habitantes em Londres propriamente dita, e de 5.633.806 na cidade e subúrbios. A população quase dobrou em quarenta anos, pois era de 2.362.236 habitantes em 1851. Londres tem mais escoceses do que Edimburgo, mais irlandeses do que Dublin, mais israelitas do que a Palestina e mais católicos do que Roma!

Construções grandiosas foram executadas em nossos dias em Londres, para facilitar a circulação e melhorar o estado sanitário da cidade. O custo desses trabalhos, abertura de ruas novas, alargamento das antigas etc., são naturalmente enormes. Já se pagou até £ 900.000 por um só acre ou cerca de 40 ares de terreno.

A maior obra de saneamento são os esgotos (*sewers*), construídos de 1859 a 1873, sob a direção de Joseph Bazalgette, e que não custaram, menos de £ 6.500.000. Anteriormente, todos os dejetos se escoavam diretamente no Tâmesa — diariamente 300.000 m³ do lado norte e 120.000 do lado sul, o que não deixava de produzir, no verão, as mais

fortes e funestas emanações. O sistema atual se compõe de grandes canais coletores subterrâneos, que seguem o Tâmis a até mais de 22 quilômetros, a jusante de Londres, em Barking-Creek, na margem esquerda, e em Crossness, na margem direita, onde as águas são liberadas no rio em maré alta, a fim de que o refluxo as leve para alto mar. Infelizmente, e nem tudo vai para o mar; grande quantidade se deposita no fundo do rio, e embora os detritos tenham sido submetidos a uma desinfecção completa antes de sua chegada ao rio, ainda não se tem uma solução definitiva para a questão dos esgotos. Os coletores da margem esquerda — em número de três, independentes entre si em diferentes níveis — são túneis de tijolo de 3,60 metros de largura por 3 de altura, abertos perto do desaguadouro. O comprimento total é de 85 milhas inglesas (137 quilômetros).

Os cais do Tâmis são uma obra não menos importante (...). Vêm depois as ruas novas, que foram criadas há quarenta anos, formando um comprimento de cerca de 3.200 quilômetros e os parques e praças públicos, de uma superfície total de 1.200 hectares.

Karl Baedeker



Luxo, algazarra e mau cheiro

CLAUDE-LAURENCE LACASSAGNE, NEIL DAVIE

Uma cidade olfativa; ainda é a capital dos cavalos e seus excrementos; criam-se porcos e aves; os esgotos, quando existem, são a céu aberto em grande parte do East End...

Os canteiros de obras públicas, o tráfego louco dos veículos, os gritos e chamados, o barulho das máquinas industriais... Claude-Laurence Lacassagne descreveu sobretudo os odores. Neil Davie voltou sua atenção para os ruídos.

“Tyrrell voltou...!” É assim que a “enteada” Susanna, em sua solidão, é avisada da volta de seu gigolô, rei da “zona”, chefe de quadrilha, espião, falsário, agiota, assassino e falso cego. Todos pensavam que ele desaparecera para sempre, depois de sua condenação em 1842. Mas aquele homem é perito em ressurreição, como narrou Féval em *Os mistérios de Londres*, e Susanna não se surpreende por ele ter escapado novamente do castigo. A justiça divina, entretanto, não o poupou completamente. Volta verdadeiramente cego e, sem nenhum constrangimento, pede à sua ex-vítima que lhe sirva de guia na nova metrópole, tão mudada após quase um quarto de século. A “enteada”, privada pelo destino da felicidade terrena, aceitou essa missão perversa.

Ei-la, então, na estação Vitória, num dia de outubro, pronta para acompanhar o cego nos “passeios em Londres” que, para ele, só podiam ser auditivos e olfativos. As condições que ele impõe são

* Obras mencionadas ou citadas: Wilkie Collins, *The Moonstone*, 1868. Charles Dickens, *Bleak House*, 1853; *David Copperfield*, em 1859; *Great Expectations*, 1861; *Our Mutual Friend*, 1865; Alphonse Esquiros, *L'Angleterre et la vie anglaise*, 1859; George Gissing, *The Nether World*, em 1891; Pierre Leroux, *La grève de Samarez*, 1863-1865; William Morris, *News from Nowhere*, 1891; Brian Stoker, *Dracula*, 1897; James Thomson, *The City of Dreadful Night*, 1870-1874; Oscar Wilde, *The Picture of Dorian Gray*, 1890.

definitivas: faz questão de reconhecer, mesmo depois dos anos de exílio, os odores de sua cidade. Susanna tem a função de evitar-lhe acidentes e fornecer-lhe as explicações exigidas pelas transformações radicais ocorridas durante o já longo reinado de Sua Majestade a rainha Vitória.

O bandido já sabe, por ter vivido essa experiência no exílio: é um novo mundo que deve abordar, instável, sempre em mutação. Pouco importa; quer conquistar a cidade mais povoada, mais industrializada do mundo civilizado, com a esperança de encontrar (ou reencontrar) além da mistura obrigatória de modernismo urbano e vestígios tradicionais de ruralismo, os odores particulares que definem exatamente a "Cidade da terrível noite"!

A estação Vitória, aberta há pouco tempo, impõe logo os seus odores acres de fumaça, vapor e fuligem, de metal superaquecido e de multidão heterogênea, numa espécie de concentrado agressivo daquilo de que Tyrrell se lembra como sendo a atmosfera de Londres. A cidade é como uma gigantesca e infernal caldeira: "O nevoeiro fulvo se torna ainda mais espesso com todas as torrentes de fumaça despejadas pelos imensos canos de tijolos, pelas mil fornalhas da indústria, pelas chaminés das fábricas e das casas. (...) Os bicos de gás flamejam, as lojas estão iluminadas; os homens, as crianças, negras como demônios, levam tochas que agitam quase sob as patas dos cavalos" (Alphonse Esquiros, *L'Angleterre et la vie anglaise*), apesar dos recentes regulamentos sobre a fumaça industrial (1852). Afobado para escapar o mais depressa possível às emanações de todas essas combustões, o cego se deixa arrastar para as largas artérias do West End, mais ventiladas, mais arejadas. Sua expectativa não é frustrada. Ao longo das ruas, com o barulho das carruagens e das vozes, reconhece a presença dos cavalos: cheiro campestre de animais bem cuidados e bem alimentados, odores refinados de couro minuciosamente tratado, presença calorosa do tecido grosso das capas dos cocheiros; e, de vez em quando, como que a lembrança do feno e da palha com que os cavalos tinham sido esfregados. Tyrrell apura ouvidos e narinas junto a uma esquina; as ruas e as ferraduras soam abafado no calçamento de uma rua lateral.

Quem seria o doente grave, o agonizante, cujo repouso se protege, numa das mansões do bairro, cobrindo o calçamento com palha fresca? Esmagada incessantemente pelos veículos, a palha emana um perfume estival, que ele sente claramente distinto da fragrância das plantas e das flores tardias nos parques e jardins habilmente compostos. "O ar parece carregado de especiarias" (Oscar Wilde, *The Picture of Dorian Gray*). Também flutua em torno dos transeuntes o aroma de

almíscar, revelador dos homens de qualidade (*Os mistérios de Londres*), e as discretas fragrâncias florais das elegantes vitorianas. "Como uma poeira branca, uma nuvem trêmula de raiz de íris paira no ar vibrante" (*The Picture of Dorian Gray*).

Continuando o seu caminho, Tyrrell chega aos confins de Hyde Park, "oásis" do qual nem mesmo os primeiros dias frios expulsaram "os passarinhos (...) das velhas e grandes árvores (que) agitam ao vento sua cabeleira maltratada", nem "as vacas que pastam na grama" (Esquiros). A multidão é mais densa, como ele percebe pelos odores mais contrastados. Naquele sábado, há entre os caminhantes pessoas humildes, famílias de artesãos e operários, das quais provêm, por instante, bafejos de suor e tabaco, ainda relegados a segundo plano pelo perfume das flores. Sente despertar o apetite com o insistente aroma dos folhados de amêndoa, sobre um fundo de café e chocolate quentes, vendidos na "Loge", especialidade da casa há dois séculos. Sempre flanando pelo parque, reencontra, ao aproximar-se de Paddington, o perfume da era moderna, mistura de carvão, metal superaquecido, odores humanos e de poeira já velha de vinte anos. À noite, decide dormir no Great Western Royal Hotel, nascido junto com a estação para o conforto dos viajantes ricos. Ali também seu olfato reconhece, paradoxalmente, uma atmosfera já encontrada no continente: cera dos móveis e do assoalho, bergamota e lavanda dos armários de roupa de cama, e, em superimpressão, sempre, a estação próxima.

Os aromas raros...

No dia seguinte, tendo ainda nas narinas a lembrança agradável dos arenques, dos rins, dos ovos com bacon e das torradas do desjejum, parte para leste, para a sua grande aventura olfativa. Se os bairros nobres têm quase o mesmo odor civilizado e neutro em Londres e em Paris, os bairros comerciais e principalmente os bairros populares não poderiam ser confundidos. Oxford Street e Soho são repletos de restaurantes e vitrines, de onde lhe chegam exóticos esfúvios mediterrâneos, pratos temperados à moda grega ou italiana, realçados (segundo a pitoresca fórmula de Galsworthy) com aromas de "gato e tomate", ou então os cheiros familiares — fritura quente e frutos do mar frescos — dos *fish and chips* com que sonhava no exílio. Seu olfato confirma: Londres continuava a ser um porto de pesca de primeira grandeza, uma cidade marítima enalhada no meio da região, criatura anfíbia

envolvida nos odores marinhos e também nas pútridas emanações pantanosas.

Ali, na margem ocidental da velha City, no local que cinquenta anos antes era considerado como o novo "centro" de Londres e parecia então consagrado ao comércio sólido, os vendedores ambulantes vindos da feira de peixes de Billingsgate oferecem seus produtos: ostras, mariscos, enguias. O odor salobro e iodado das conchas frescas concorre com o aroma atraente da sopa de enguias, temperada com vinagre, pimenta, salsa e alho-poró, conservada sempre quente. Entretanto, algo perturba esse prazer, lembrando ao passante os tempos modernos: poeira e mofo, odor de "novidade e umidade" (George Gissing, *The Nether World*), de máquina superaquecida e de fumaça — por quê? Certamente estão perto — seus ouvidos e Susanna o confirmam — de um desses gigantescos canteiros de obras onde se abrem novas artérias, se constroem viadutos, se escavam os túneis da Londres de amanhã.

Em seguida, sopra uma brisa com aromas delicados, insinuantes; o exilado está próximo de Covent Garden; as ruas que conduzem para lá são como que o percurso de uma procissão de Corpus Christi no continente, pois estão "perfumadas com o aroma das flores (...) que vão para a cidade sobre a cabeça dos vendedores" (*David Copperfield*). O próprio mercado é um buquê sempre estival, com flores de jardim e flores de estufa, "com a fragrância menos invernal" (*Bleak House*) que a arte da jardinagem podia produzir.

Uma parada no Strand, perto de Simpson's, lugar na última moda, traz o odor de seus suntuosos assados, prontos para serem trinchados no salão do restaurante, e ainda o odor da fumaça dos charutos com que se deleitam após o jantar os clientes do seu recém-inaugurado Cigar Divan.

No terceiro dia, Tyrrell rumo para o norte, para o bairro dos Inns of Court. Seu olfato lhe confirma que ali a modernidade não penetrara: o universo da lei, estranhamente, se manifesta por emanações de gás (a iluminação é permanente naqueles escritórios sombrios) e pelo bafo de "sebo de carneiro (que sobe) das velas e dos pergaminhos e velinos amontoados em gavetas engorduradas" (*Bleak House*).

O mau cheiro

A partir dali, Tyrrell sabe o que esperar: está prestes a deixar a Londres civilizada para entrar progressivamente na cidade profunda, aquela

cujos mau cheiro multiforme todos os habitantes e turistas estigmatizam, a cidade mais fétida da Europa (*The Moonstone, La grève de Samarez*). A leste de Farringdon Street e de Blackfriars, a impressão é de estar-se mergulhando no sistema digestivo da metrópole. Ora, se sentem os odores potentes de alimento bruto. Nos arredores de Smithfield, para onde convergem os rebanhos de carneiro e bois (*Bleak House*), inquietos com a agitação urbana, arrastam-se bafejos adocicados da carne exposta (*Great Expectations*). Ora, a pestilência das funções excretoras desse grande corpo urbano provoca náuseas. Se há muito tempo as fossas sanitárias estão proibidas (1848), os esgotos coletivos estão em processo de construção e nos bairros modestos a higiene deixa a desejar. Tyrrell franze o nariz, agredido pelo lixo ao longo das ruas (*David Copperfield, The Nether World*) e por todos os detritos produzidos por uma humanidade amontoadas em locais insalubres, onde é impossível viver, preparar comida ou lavar roupa. Estranhamente, todas as atividades da vida privada se passam na rua, como nos países do sul, acompanhadas de muitas fogueiras de carvão e turbilhões de fumaça. Ali, na esquina de uma ruela que dá para Farringdon Road, desde o fim da tarde alimentava-se uma dúzia de fornos ambulantes, onde se assam batatas. "É surpreendente que alguém consiga escapar à morte por asfixia" nesses lugares, e "o ar tem um cheiro sufocante e um gosto amargo" (Gissing). Oficinas onde se passa roupa, abertas para a rua, deixam escapar lufadas de ar úmido, e lojas minúsculas, onde se remenda e cerze até que a roupa caia aos pedaços, exalam um bafo de tecido mal lavado. Os *pubs* cheiram a cerveja e a salsicha barata.

Cansados desse odor penetrante e composto de área de serviço pouco limpa, Tyrrell e Susanna se refugiam perto de Saint Paul, no estabelecimento de Dolly, *A Casa da Costeleta*. O cheiro de carneiro disputa com os aromas de outros assados, e Susanna e ele hesitam longamente, numa última pausa confortável. Quando a noite cai, aventuram-se ainda mais longe, nos bairros mal-afamados, onde os ricos vêm farrear; as casas de diversão estão repletas, com seu cheiro adocicado de ópio (Wilde, Dickens), o acre perfume do gim, e o odor azedo da cerveja. Aqui e ali, emerge alguma especialidade: rum e especiarias, ou ingredientes menos definidos (P. Féval).

Nessa parte superpovoada da metrópole mais povoada do mundo, "a sujeira, a podridão, o mau cheiro tomaram posse desses antros de humanidade redundante" (Gissing), e parece que o ar está "envenenado com o miasma da sujeira" (Gissing). Até os mortos se fazem lembrar, embora, durante o exílio de Tyrrell, se tivessem suprimido alguns dos antigos cemitérios — no coração de Saint Giles, por exem-

plo — continua-se a fazer enterros em território urbano, e as exalações fétidas de “algum antigo campo-santo transformado em lamaçal pútrido” (James Thomson, *The City of Dreadful Night*) flutuam nos arredores. Na verdade, observa Susanna, não se pode dizer com certeza se são os cadáveres ou os vivos que fedem tanto. O hospital São Bartolomeu não está longe, e todos conhecem as suas más condições de higiene. Os dois companheiros logo se afastam, com pressa de respirar.

No dia seguinte, descem em direção ao Tâmesa. Uma corrente de ar puro sobe das margens, não atingidas pelos grandes projetos de urbanização do governo de Sua Majestade. O mercado de peixes de Billingsgate não é longe dali, mas até o odor de peixe parece agradável comparado com a podridão que o rio carrega. “A inominável pestilência” (Thomson) revela a sinistra presença dos cadáveres em decomposição, suicidas ou vítimas de acertos de contas variados: ele ainda conserva a lembrança das pequenas chamas mefíticas que flutuam, nesses bairros miseráveis, na superfície das águas “negras como tinta” (Esquiros), nas quais são despejados todos os esgotos do oeste da capital e os destritos lançados pelos numerosos barcos. Podridão, lama, excrementos, vômito, não falta nada. Tyrrell, tal como tantos outros, pensa ter chegado às portas do inferno.

Para fugir do pesadelo, é melhor seguir o rio em direção ao estuário e às docas; ali os canteiros navais se impõem com seu odor caloroso, quase camponês, “de aparas de madeira e serragem” (Dickens), de cordame e betume. A partir dali, a caminhada de Tyrrell leva-o à paisagem olfativa industrial, muitas vezes agradável pois o leste de Londres concentra principalmente indústrias de transformação alimentar. É aí que as cervejarias prosperam: fica-se quase embriagado com os vapores da fermentação, com o cheiro de mosto e da cevada grelhada nas malterias, freqüentemente vizinhas das cervejarias, ou ainda os odores ácidos da borra de cevada. O perfume campestre das inúmeras carroças de lúpulo se mistura ao dos cavalos de tração, restituindo a esses subúrbios nascidos nos tempos modernos um certo ar rural inesperado.

Resignados, Tyrrell e Susanna passam para a margem sul, sem sentir mudança no ambiente. Alguns curtumes interrompem por algum tempo o seu bem-estar, mas as cervejarias famosas de Southwark logo expulsam o insuportável mau cheiro do couro, substituindo, na saída de Bermondsey, o aroma de caramelo, chocolate e especiarias vindo das grandes confeitarias. E também, carregado de vida e infância, o aroma das grandes fornadas do pão que seria entregue a domicílio muito cedo, arrumado nas carroças em pesadas pirâmides, junto com o leite, até o West End.

Acompanhados por esses perfumes atraentes, misturados à infalível fumaça e ao cheiro de poeira, lama e máquinas em pleno trabalho no bairro, recentemente devastado por um grande incêndio, voltam pela estação de Waterloo e Lambeth ao sudoeste da cidade. Parques bem cuidados lhes trazem progressivamente o perfume tímido da terra revolvida, das ervas e folhagens. Mesmo o rio, que a Westminster Bridge recentemente (1862) permite atravessar com facilidade, livre naquele ponto dos grandes esgotos, cheira apenas a lodo: “As lufadas acres de espuma do Mar Morto” anunciam discretamente a hora da maré baixa — e do trem-barco para o continente.

Depois de uma semana de exploração olfativa, Tyrrell volta à estação Vitória, de atmosfera enfumaçada como a de todas as estações do mundo. Só um aroma de chá quente e de *London buns* perfumados com noz-moscada mostra que se está em Londres, e não em Paris ou Dublin. Instalado em seu lugar, ele suspira. Acabava de viver uma terceira morte, não a sua (ele a remediaria facilmente), mas a da cidade utópica, lugar imaginário de todas as harmonias, sobre o qual paira eternamente um “ar fresco”, saturado de “ondas de perfumes florais, tília, trevo, grama” (*News from Nowhere*). Essa cidade, doravante, não existirá mais, segundo a célebre expressão, “a não ser no campo”. A verdadeira cidade, aquela que ele acabara de percorrer, não estaria destinada a clamar, por toda a parte e para sempre, o sopro discordante da “Grande Podridão”?

Claude-Laurence Lacassagne

“Não se poderia falar de Londres como de uma unidade, escreveu Henry James em 1905. É, antes, uma reunião de múltiplos conjuntos, e cada um deles merece ser descrito.” Na cacofonia da capital, tal como nos é relatada por testemunhas da época, podemos encontrar a música específica de seus vários componentes. Sem pretender isolar, como fez o enciclopedista George Sims, os seus sotaques — escocês, irlandês e galês, e também ídiche, germânico ou francês, e ainda culto, popular, ou mesmo vulgar — podemos tentar recriar a atmosfera sonora dos bairros nobres do West End e da City, ao lado do East End proletário, e dos subúrbios, tal como se constituíram essas grandes partituras sociais, progressivamente, ao longo do reinado da rainha Vitória.

O West End e a City

Os bairros nobres da capital, nos anos 1860, são sujos e terrivelmente ruidosos. A maioria das ruas da City são calçadas de granito, e os veículos, com suas rodas revestidas de ferro, fazem tal barulho que as conversas param à sua passagem. "De dia, observa um freqüentador, o ruído de Londres é pavoroso, um rugido surdo e contínuo que serve de fundo sonoro para todos os outros barulhos." O barulho é especialmente ensurdecedor nas grandes artérias — Holburn, Picadilly, Regent's Street, Oxford Street, o Strand e principalmente Ludgate Hill, entre Fleet Street e Saint Paul's. Segundo Henry Mayhew, jornalista e cronista, seria possível "andar sobre os tetos dos fiacres e dos ônibus como sobre os escudos dos legionários romanos, que formavam uma tartaruga sob os muros das cidades assediadas". Na verdade, as ruas estavam apinhadas de veículos de tração animal — carruagens particulares, landaus, cupês e vitórias para os ricos, ônibus de cores vivas (que já eram chamados "bus") e *taxi-cabs* (*cabs* de duas rodas ou fiacres de quatro rodas) para a plebe, sem falar das pesadas carroças camponesas, carregadas de víveres destinados ao mercado de Covent Garden. Até sua proibição pela lei, em 1897, não era raro encontrar-se rebanhos de bois, carneiros ou porcos a caminho da feira de gado de Smithfield e Islington. Ao fragor das rodas sobre o calçamento se acrescentavam os gritos dos cocheiros anunciando a direção em que iam e recrutando fregueses, e os assovios dos londrinos à procura de um *cab*: um apito para um fiacre, dois para um *cab* mais leve e rápido. Nos bairros nobres, toda casa que se prezasse tinha para isso um apito à disposição dos seus habitantes, na entrada.

Evidentemente, com todos esses cavalos e outros animais nas ruas, Londres era muito suja, até mesmo em seus bairros residenciais. Principalmente em tempo de chuva, apesar dos serviços dos numerosos varredores de ruas, que ajudavam os passantes a atravessar, estes eram obrigados, segundo Hyppolyte Taine, a "chafurdar da maneira mais execrável", e, muitas vezes, involuntariamente, aumentavam o barulho da cidade, chapinhando de um lado para outro em suas artérias. Alguns londrinos, para se proteger da lama, equipavam-se com patins de madeira, montados sobre uma base de ferro, que amarravam nos sapatos. Daí o tilintar de patins e o roçar de guarda-chuvas, no mau tempo, de que fala Dickens. Na ausência de vidraças duplas, era muito difícil se isolar dos ruídos da cidade. Quando era absolutamente indispensável diminuí-lo, para evitar que perturbasse o sono de um doente, por exemplo, cobria-se com palha o calçamento

na frente da casa. Mas o único lugar calmo que ainda se podia encontrar no centro da capital era o parque. Taine descreveu o Regent's Park como "um bairro isolado; não se ouve mais o barulho dos veículos, pode-se esquecer Londres; é a solidão".

Hyde Park, por sua vez, tinha outras funções. Durante o bom tempo, o longo passeio que Jorge II fizera construir em 1737, o Rotten Row, era, a cada manhã, o ponto de encontro favorito da alta sociedade londrina. Ia-se a pé, a cavalo ou de carruagem para percorrê-lo nos dois sentidos. Trocavam-se notícias e mexericos do dia, ou simplesmente marcava-se presença. Aos domingos, como ainda hoje, os comentários fúteis e as intrigas amorosas de Rotten Row cediam lugar aos discursos e sermões do Hyde Park Corner: "Havia no Hyde Park pregadores ao ar livre, com sua bíblia e seu guarda-chuva, observou Taine. Eram indivíduos que sentiam a necessidade de comunicar ao público as suas idéias religiosas (...) longas figuras magras, vozes fanhosas, olhos levantados para o céu, e em torno, vinte pessoas se exaltavam com eles."

Longe das grandes artérias e das praças ruidosas do centro da cidade, os pontos residenciais do West End e os novos bairros nobres como Belgravia ou Kensington, com suas praças e passagens particulares, gozavam de certa paz, defendida com toda a força de sua influência pelos habitantes. Eles fizeram pressão, por exemplo, em 1864, para que fosse votada uma lei reduzindo as atividades dos músicos ambulantes com seus realejos e pianolas. Eles tinham o triplo defeito de serem, em geral, imigrantes (na maioria das vezes italianos), barulhentos e desafinados — voluntariamente, dizia-se, para cobrar mais caro pelo preço do silêncio. De qualquer forma e apesar deles, dariam origem à criação, em 1880, de uma séria Sociedade para a regulamentação da música e dos músicos de rua.

O East End

Os músicos ambulantes não corriam o risco de ser perseguidos no outro lado da capital, nos bairros populares do East End. O espetáculo na rua era permanente. O teatro de fantoches, em sua versão britânica de *Punch e Judy*, sentia-se em casa, muitas vezes acompanhado por um tambor e instrumentos de sopro. Exposições itinerantes de autômatos, telescópios e vistas estereoscópicas eram anunciadas com grandes toques de trombetas. Malabaristas e engolidores de fogo se apresentavam, muitas vezes acompanhados de música. O cantor de baladas

mastigava algumas palavras simples, narrando o acontecimento do dia, ao som de uma música conhecida, de acordo com a antiga fórmula. "No bairro, lembrava-se um contemporâneo, muitas vezes um artista famoso se apresentava nos sábados à noite." Embora cantasse coisas geralmente "estúpidas e vulgares", não lhe faltavam brilho e impacto.

Vendiam-se também muitas bebidas e alimentos na rua. Mais uma ocasião para participar do grande concerto dos ruídos de Londres. A maioria dos vendedores tinha seu pregão e até sua roupa característica. Assim, os vendedores ambulantes de frutas, legumes e peixes eram reconhecidos por seus trajes e sua linguagem. Seus gritos rituais variavam com o produto que propunham: "Um penny a libra de uvas", "três arenques de Yarmouth por dois pence", "salmão vivo por seis pence a libra", "nozes frescas, um penny a meia-pinta"... Vendedores ainda mais especializados se confundiam, por assim dizer, com seu produto. O homem dos pãezinhos (*the muffin man*), com sua bandeja de pãezinhos e panquecas na cabeça, tocava seu sino e gritava: "Pãezinhos para o chá". Meninas de apenas sete ou oito anos, vendiam agrião, anunciando "quatro molhos de agrião por um penny!", enquanto o vendedor de patês apregoava seus artigos: "Ganhe ou compre! Ganhou!" Cara ou coroa, era gratuito ou não.

Com o enriquecimento do país e de sua capital, comprava-se cada vez mais nas lojas produtos de qualidade garantida, de modo que os vendedores ambulantes e as feiras ao ar livre eram a partir de então típicos dos bairros pobres. Charles Booth fez a lista das feiras de Londres nos anos 1880, da *rag fair*, perto da Torre, onde se podiam comprar roupas usadas, até o mercado das Pulgas, ao longo de Whitechapel, onde se encontrava de tudo: das camas às botas, dos livros aos arenques, das ferramentas às flores e sementes, sem falar das roupas de segunda mão. No East End a maioria das feiras se realizavam no sábado à noite até tarde, à luz de velas e lâmpadas a óleo.

"A algazarra dos milhares de gritos lançados a plenos pulmões e em uníssono pelos vendedores atarefados era incrível, segundo Henri Mayhew. 'Ve-en-di-do!', berrava um. 'Castanhas, dois pence o lote!', acrescentava outro. 'Um penny a pele curtida!', gritava um rapaz de voz aguda. 'Compre, compre, co-o-o-ompre!', apregoava o açougueiro. 'Papel por um penny!', anunciava o vendedor de papel ambulante. 'Dois pence pelo lote de belas maçãs!', dizia a vendedora de frutas. Era assim a Babel moderna..."

Em 1889, Charles Booth assistiu à celebração do Ano-Novo numa feira do East End: "(cheguei) exatamente à meia-noite. O mercado aberto se prolongava, e ainda havia muita gente; naquele preciso

momento, recebia-se o ano de 1889 com um trovão de gritos, vivas e a *Canção do Adeus*, e, dominando tudo, um barulho de panelas sobre um fundo de ruídos surdos vindos dos cavaletes dos ambulantes e das tábuas de carne dos açougueiros. Uma bela confusão!"

Os ambulantes mais pobres, segundo Booth, eram quase vagabundos que ofereciam retalhos de pano, pendurados em torno do pescoço. Entre os mendigos, contavam-se muitos marinheiros desempregados, dos quais muitos eram "marinheiros de água doce", talvez, que nunca tinham visto outros barcos além daqueles da London Bridge. É verdade que as docas e os entrepostos de Londres, onde se descarregavam as mercadorias exóticas vindas do Império, excitavam a imaginação. Os ruídos da Londres marítima eram cheios de encanto, segundo Mayhew: tilintar de pesadas correntes, sinais sonoros em tempo de bruma, ofegar de barcos a vapor no rio, apito das locomotivas, vozes roucas, sotaques estrangeiros e cantos dos marinheiros...

Os subúrbios

A algumas braças do centro de Londres começavam os subúrbios, tão próximos e tão diferentes. Chegando-se a Islington, no fim do século XIX, entra-se em outro mundo. A cidade já perdeu seus atrativos para as classes superiores e povoa-se de empregados modestos, pequenos comerciantes e empreiteiros. Habitualmente caminham, em vez de usarem os cabriolés, como no West End. A vida aqui é calma e tranqüila. Os veículos a cavalo são raros, exceto para a entrega de cargas. "Uma criança que vivesse em Londres hoje não poderia imaginar a calma da rua para a qual dava a minha janela", observa um velho habitante de Islington. Nos subúrbios mais populares, o acúmulo da população e o tráfego dos veículos industriais e dos transportes públicos reproduzem em menor escala a algazarra londrina de Ludgate Hill.

Com o desenvolvimento dos bondes e do trem, no fim do século, o subúrbio se estende para além do raio de ação dos caminhantes, para além de Islington ou Camberwell. Mas na maioria dos novos subúrbios, seria preservada, por um tempo bastante longo, uma atmosfera rural. Em Wandsworth, a sudoeste de Londres, em Walthamstow, a nordeste, o campo estava às portas da cidade. Em Putney, em 1905, ainda se ouve o mugido das vacas leiteiras. Nos anos 1880, ainda havia no coração da City cerca de 700 fazendas produtoras de leite, e um artigo de 1854 descrevia Shepherd's Bush, no subúrbio oeste, como a pocilga — no sentido próprio do termo — da metrópole.

Subúrbios entre cidade e campo, East End exuberante e ensurdecedor, West End apinhado e ávido de uma calma e de uma limpeza que se tornaram um luxo — sem dúvida alguma, os ruídos de Londres, afinal, diferenciam mais do que unem os habitantes da capital, ao raiar do século XX. Com a exceção, entretanto, dos carrilhões familiares da cidade, do Big Ben a Saint Clement's, com os quais cada londrino se identificava cotidianamente.

Neil Davie



A hierarquia das prostitutas

KEITH ROBBINS

A "hipocrisia vitoriana" foi marcada por dois personagens emblemáticos e complementares — a "Madona" ou a mãe de família e a "Madalena" —, pelo verdadeiro tráfico de escravas brancas, revelado e denunciado pela imprensa da época, pelo estranho contraste entre a repulsa às "mulheres degeneradas" e a preocupação com a preservação de sua liberdade de agir.

Nos anos 1860, descendo Haymarket e o Strand, Hippolyte Taine, a cada cem passos, deve ter encontrado vinte prostitutas à procura de dinheiro ou gim. Acabava de descobrir a "verdadeira chaga da sociedade inglesa". Todas as importantes cidades da Grã-Bretanha vitoriana, grandes ou pequenas, conheciam evidentemente o comércio do corpo, mas Londres era, sem dúvida, a capital da prostituição. O *Times* descrevia esse fenômeno como a maior praga social da época. Segundo esse jornal, em nenhuma outra capital européia ela se exibia de maneira tão impudica, de dia ou de noite. Afirmava-se, talvez com razão, que Londres contava mais prostitutas por habitante do que qualquer outra parte do Reino Unido.

Todas as ferrovias levavam à capital, que era também o porto principal do país. Soldados e marinheiros eram numerosos, assim como uma multidão de visitantes "em trânsito", em viagem de negócios ou de lazer. Nessas condições, não é estranho que, vindas de todo o país, mulheres se dirigissem para lá, acabando por naufragar na prostituição. "Sal Sujeira", por exemplo, contou a sua história a Bra-cebridge Hemyng, que redigiu um artigo sobre a prostituição em Londres para a obra de Mayhew *London Labour and the London Poor*. Sendo doméstica em Birmingham, achou que não ganhava suficientemente e partiu para Coventry, onde se ligou a soldados da guarnição.

Mas eles também não tinham dinheiro. "Então eu falei, vou pra Londres, é lá que eu vou fazer o meu buraco. E foi assim que eu fiz."

O buraco em questão era o East End, com seus operários.

O número total de prostitutas em Londres sempre foi um mistério. As estatísticas da polícia, no fim dos anos 1850, o fixam em 8.600, mas as estimativas da imprensa elevam esta cifra para 120.000. Tudo leva a crer que o número de mulheres que cobravam por relações ocasionais se aproximava de 50 a 80.000.

Entretanto, outras "ocasionais" complementavam o seu salário dedicando-se a essa atividade. Dizia-se na época que havia dezenas de milhares de prostitutas "clandestinas" ou *dollymops*, mas isso é pouco provável. Sua existência evidencia a dificuldade de definir a partir de que momento o fato de conceder certos favores sexuais se torna um ofício propriamente dito. Escrevendo em 1897 a respeito de *Life in West London* ("Os bairros nobres de Londres"), Arthur Sherwell demonstra que é "público e notório que, no West End, pelo menos, as modistas, as costureiras e suas ajudantes são frequentemente empurradas para a rua durante a baixa estação, e voltam para seus ateliês quando a temporada recomeça. Em outras palavras, a moral acompanha as flutuações do comércio".

O mundo das prostitutas

Embora um policial pudesse prender alguém em flagrante delito de "ultraje ao pudor" se assim o desejasse, o aliciamento de clientes não era uma infração e a prostituição não era ilegal.

O *Metropolitan Police Act* (Lei de segurança urbana), de 1839 tentou livrar as ruas elegantes das prostitutas, mas serviu apenas para transferir a atividade para outros locais. Por outro lado, alguns excessos da polícia contra prostitutas levaram cidadãos respeitáveis a tomar a defesa destas. Em 1884, um magistrado londrino recusou uma petição de cidadãos que se queixavam das atividades noturnas das prostitutas. Já que não perturbava a ordem pública, o juiz se recusava a "mandar prender uma infeliz mulher pelo único motivo de que esta fora trazida até ele por um policial". Entretanto, já em meados do século, diferentes grupos de pressão enfatizaram a necessidade de uma legislação mais repressiva.

É difícil fazer um retrato da prostituta londrina típica, pois seu meio sócio-cultural e seu número exato continuam desconhecidos. Muitas delas são londrinas de nascimento. Para as esposas — que suposta-

mente não trabalham, a não ser obrigadas pela necessidade — assim como para as mulheres solteiras, não há então emprego regular para a mão-de-obra feminina, como nas usinas têxteis do Lancashire ou do West Riding. Assim, a prostituição pode surgir como uma solução para um problema especificamente urbano.

Mas, além das “do lugar”, as recém-chegadas à capital são, evidentemente, vulneráveis à tentação. Thomas Beame, vigário de Londres, pesquisando sobre *The Rookeries of London* (1850), constata o horror que são os pardieiros, mas que os bairros pobres irlandeses são os piores de todos. A libertinagem feminina, segundo ele, é mais rara na Irlanda do que na Inglaterra, mas chegando a Londres as irlandesas “parecem considerar a cidade como um reduto de pagãos e logo se abandonam ao desregramento e à delinqüência”.

Entre as que chegam à capital, muitas são, no entanto, de origem inglesa, já prostituídas e profissionais experientes. Escolhem Londres intencionalmente: é o lugar onde se pode ganhar mais dinheiro e onde o exercício da profissão é menos dificultado pelas autoridades. Assim, a filha de um fazendeiro de Chesterfield contou a A.L. Munby como decidira vir para Londres a fim de prostituir-se, dizendo à família que queria tornar-se vendedora na loja de um comerciante de tecidos. Ela era talvez uma exceção, por seu ambiente de origem, mas certamente não era a única nessa situação.

Em 1890, o reverendo G.P. Merrick, capelão das prisões, calculou que mais de 90% das prostitutas encarceradas em Millbank tinham pais operários semi ou não-especializados. Mais da metade dessas mulheres tinham trabalhado como domésticas. Entre as prostitutas abrangidas nos estabelecimentos filantrópicos, cerca de 60% eram órfãs de pai e/ou mãe; pelo menos, era o que afirmavam. Um número igual delas se declaravam anglicanas, sabiam ao menos ler e escrever, e diziam ter freqüentado o “catecismo” na infância. A média de idade na qual confessavam ter “errado pela primeira vez” era de 16 anos. Não se saberia dizer se a idade de sua iniciação sexual era normal para as jovens desse meio social. A idade núbil legal era de 12 anos apenas, passando para 13 anos em 1871, e depois para 16 anos em 1885. Contraste marcante com a França onde, em geral, as prostitutas começavam sua carreira por volta dos 18 ou 19 anos, e habitualmente não eram casadas.

A rua e a promoção social

Por que se entregavam elas à prostituição? William Tait escreveu sobre Edimburgo (1840) e William Logan publicou um estudo comparativo

sobre Londres, Leeds, Rochdale e Glasgow (1843). Esses autores se recusavam a abandonar a idéia de que as mulheres eram responsáveis por seu destino, mesmo encontrando-se na adversidade. Isso equivaleria a ignorar a coragem e a força de caráter daquelas que, em condições de vida e habitação iguais, negavam-se a decair. Entretanto, ao mesmo tempo, reconhecia-se a contragosto (talvez por medo), que a conduta de muitas “mulheres perdidas” não tinha nada de surpreendente, mas refletia as normas dos grupos sócio-culturais dos quais eram oriundas. Hemyng apresentou seis razões para o desregramento de costumes observado entre as operárias: baixos salários, costumes naturalmente livres, gosto pelas belas roupas e pela bela apresentação, emprego sedentário combinado com falta de exercício físico, leituras de baixa qualidade e ausência de atenção por parte dos pais. Evidentemente, supunha-se que as mulheres faziam o *trottoir* porque tinham sido seduzidas, abandonadas ou rejeitadas por suas famílias. As pesquisas feitas por Merrick em 1890 revelaram que só 4% delas tinham começado na profissão por essa razão. A grande maioria confessou que escolheu a carreira com conhecimento de causa. Outros escritores sugeriram que o estado de orfandade de tantas meretrizes lhes oferecia, paradoxalmente, a liberdade de embarcar em aventuras que não teriam podido viver no seio de uma família unida, que lhes teria forçosamente atribuído uma função doméstica bem definida.

A perspectiva de promoção social constituía uma motivação em si, mas quantas delas foram bem-sucedidas? Casos isolados, de origem mais obscura, conseguiram atingir as esferas mais altas da sociedade. “Pernalta”, filha de um marinheiro irlandês de Liverpool, foi o exemplo mais notável. O marquês de Hartington, que se tornou depois duque de Devonshire, apaixonou-se por ela e a instalou confortavelmente numa casa de Mayfair. Sir Edwin Landseer fez seu retrato e Alfred Austin, futuro poeta laureado, lhe dedicou um poema. Mais tarde, nos anos 1860, ela partiu para Paris para tornar-se a musa de Achille Fould. “Cora Pearl”, Laura Bell, Agnes Willoughby e Kate Cook também se tornaram mulheres célebres que conseguiram desposar aristocratas ou aliviar homens bem-nascidos de somas substanciais, em troca de seus favores. Sarah Tanner, embora não pertencesse a esse círculo, conduzia friamente os seus negócios e fazia suas contas. Começara como empregada doméstica, depois passara voluntariamente para a prostituição, antes de aposentar-se aos vinte e seis anos, tendo economizado o necessário para comprar um café e levar uma vida respeitável. Naturalmente, esses poucos casos eram a exceção e não a regra. Outras mulheres, especialmente as que exerciam no East

End, não ganhavam suficientemente, mesmo trabalhando todos os dias, para atingir esse grau de "autonomia".

No livro intitulado *The Seven Curses of London* ("As sete pragas de Londres", 1869), James Greenwood fez uma pesquisa sobre uma colônia de mulheres que tinham feito domicílio em uma mata situada perto de um campo militar bem conhecido. "Nenhuma dessas mulheres tem dinheiro, observou ele, os ganhos de cada uma são depositados num pote comum, que contribui para pagar as despesas. Na verdade, não sobra muita coisa."

Tendo ou não sucesso social, a maioria das prostitutas, como elas próprias confessam, apreciam a sua independência, e só em último caso aceitam abandonar a vida livre e tornarem-se "teúdas e manteúdas"; na verdade, não tinham razão de amarem seus amantes. As estatísticas da polícia nos anos 1860 mostram uma diminuição do número de bordéis. A emenda ao código penal, adotada em 1885 para impedir o "tráfico de escravas brancas", tráfico de jovens enviadas da Inglaterra para Bruxelas ou Paris, infligiu pesadas multas aos proprietários desses estabelecimentos e aos rufiões, pondo fim ao comércio dos mais conhecidos entre eles. No entanto, em seu estudo sobre a vida em Londres no fim da época vitoriana, Charles Booth constatava que os bordéis da moda do West End não deixaram de existir.

Trottoir e vitrinas

Embora pudessem às vezes enganar-se lamentavelmente, os vitorianos afirmavam que eram capazes de reconhecer uma prostituta por seu aspecto exterior. Usando muito *rouge* e pó no rosto, ela era frequentemente descrita como "pintada" ou "vestida com exagero". Suas roupas se aproximavam tanto quanto possível dos trajes da moda, adotados pelas "damas". Ela podia usar seda, mas brilhante demais ou de má qualidade, e a musselina dos seus vestidos estava sempre suja. O que elas deixavam ver de seus trajes, quase sempre complementados por um chapéu de plumas espalhafatoso, era em geral tudo o que usavam. As roupas íntimas eram reduzidas ao mínimo. Por isso, em 1862, o *Saturday Review* disse que, para dar uma solução ao problema da prostituição, uma reforma da roupa íntima feminina seria mais eficaz do que uma lei.

Entretanto, algumas conseguiam se vestir tão bem que enganavam, por assim dizer, por sua aparência.

Mas as prostitutas não se faziam notar apenas por seus trajes ou seu aspecto exterior. Ao contrário da reputação que tinha na primeira

metade do século, o teatro se tornara um lugar respeitável, e não se viam prostitutas no público. Em contrapartida, nas ruas próximas havia uma forte densidade de mulheres ruidosas. Cerca de quinhentas podiam ser encontradas todos os dias, à meia-noite, convidando os clientes, na parte baixa da Regent Street. Segundo o testemunho de um policial a uma comissão da Câmara dos Lords em 1881; a partir de três horas da tarde, "seria impensável, para uma mulher honesta, descer a rua, de Haymarket até o Strand". De fato, nem sempre era fácil, no Strand ou em Regent Street, distinguir as que olhavam as vitrinas e as que faziam o *trottoir*. Os habitantes da capital, precavidos, aconselhavam às suas primas da província que usassem um chapéu muito discreto, para mostrar a todos que não eram "mundanas".

Certamente, não se viam muitos desses chapéus no estabelecimento de Kate Hamilton, o Café Royal, em Leceister Square, nos anos 50 e 60. Era ali que as *prima-donna* vinham descansar depois de terem dançado bastante na Sala Portland, ou recuperar-se dos excessos de uma noite particular. Kate, mulher de uma feiúra extrema, só admitia homens que pudessem gastar cinco ou seis libras durante uma noite. O preço elevado das bebidas era essencial para garantir o lucro da proprietária. Na vizinhança, mas de uma classe ligeiramente inferior, havia a Sala Argyll.

As atividades dessas salas excitaram tanto a cólera da Sociedade para a supressão do vício e dos paroquianos de Saint James, no bairro de Westminster, que em 1857 seus protestos conjuntos levaram ao seu fechamento. Todavia, essa interdição não durou nem um ano. Os comerciantes e os habitantes do bairro concluíram que o lugar não tinha melhorado depois desse fechamento, mas piorado. Achava-se também que a música e a dança não tinham criado um clima pior do que o dos clubes para homens, onde a bebida substituíra as mulheres. Seja como for, a partir dos anos 1870, esses estabelecimentos noturnos, cassinos e jardins de lazer, geralmente considerados como centros de prostituição, enfrentavam dificuldades. Assim, não é surpreendente que o novo motivo de preocupação fosse a presença das prostitutas na platéia dos *music-halls*.

O mundo da prostituição londrina era portanto, na realidade, muito mais complexo do que faz supor o interesse exclusivo que se dedicava aos lugares célebres do centro de Londres e do West End.

Bracebridge Hemyng abandonou o "falso luxo" em que o vício era "mimado e acariciado" e foi mais para leste, embora não fosse necessário ir muito longe no labirinto do East End para encontrar as mulheres que operavam nos "quartos da zona". Hemyng achou-se entre marinheiros de olhar vazio, anestesiados pela bebida, e suas

mulheres. Pensou que um número muito pequeno de mulheres inglesas mereciam ser chamadas de "mulheres para soldados": estas eram praticamente todas alemãs ou irlandesas. A rua Ratcliff, que seguia o Tâmesa de Whitechapel a Stepney, era conhecida por seus *pubs*, seus bailes públicos e seus bordéis. Apesar da ausência de refinamento desse bairro, Hemyng percebeu "uma certa delicadeza" inata nessas mulheres. Não tinham o "verniz" do West End, mas emanavam uma feminilidade autêntica e pareciam decididas a juntar, tanto quanto possível, o útil ao agradável. No seu conjunto, não causavam perturbações. Achou-as menos inteligentes do que a média das prostitutas da capital, mas do mesmo nível que os homens com quem viviam. Eram apenas pobres mulheres fáceis, muitas vezes atingidas pelas doenças venéreas. Coletivamente, "elas afetaram seriamente a saúde da marinha".

Os apetites carnisais

Se não houvesse clientes, não haveria mulheres para satisfazer as suas necessidades. "Nosso assunto é com os homens, do primeiro ao último, e só com eles!", exclamou uma prostituta diante de Josephine Butler, por volta de 1870. "Foi para agradar a um homem que dei um mau passo, depois fui jogada de homem para homem, e os homens da polícia nos agarraram: são os homens que nos examinam, nos tocam, nos tratam e nos bolinam... Somos convocadas diante de magistrados que são homens, e até a morte nunca sairemos das mãos dos homens!"

Os apetites carnisais, o pecado inato, a tendência para a ociosidade, a inclinação para a libertinagem, as más companhias, a miséria, tudo engendrava o vício nas mulheres, mas eram os apetites desenfreados de adolescentes precoces e de homens depravados que as empurravam para a vida "fácil". Estas eram as observações que faziam os médicos e os jornalistas. Disparamos de outra fonte capital quanto à prostituição vista sob o prisma do utilizador: as memórias eróticas de "Walter". O autor diz ter escrito no calor de suas impressões, após cada uma das 1.200 experiências que teve com mulheres públicas do *trottoir* de Londres e dos lupanares da Europa. Walter, que gosta das mulheres muito jovens e calcula muito bem o que lhe custaria a satisfação das suas necessidades sexuais, pode comprar exatamente o que desejava, e a transação é puramente comercial, isenta de qualquer sentimento de culpa.

Assim, não se pode encarar a prostituição sem considerar ao mesmo tempo as relações entre os sexos. Na ideologia vitoriana, domina-

vam duas imagens da mulher. A da mulher doméstica, o "anjo do lar", ou a da mulher perdida. Acton, em seu estudo *Fisiologia e patologia dos órgãos reprodutores*, concluiu que numerosas mães devotadas, esposas, donas-de-casa exemplares, nunca experimentaram a menor excitação sexual. Suas únicas paixões eram o amor ao lar, às crianças ou às tarefas domésticas. Outro autor afirmava que o desejo sexual era inato e espontâneo no homem, ao passo que na mulher ele era *quiescente*. Mulheres de um certo nível social e de uma certa cultura podiam permanecer toda a sua vida ignorando os apelos da carne. Felizmente para elas. Acton evidenciava uma repugnância em relação às coisas do sexo que estava longe de ser excepcional, e uma aversão natural pela coabitação.

Ele encontrou homens para os quais os tormentos sexuais se tornavam intoleráveis porque não podiam gozar das vantagens do casamento. Estado prejudicial, levando muitas vezes à impotência do marido. Acton observou que havia na burguesia da época o que chamou de "tendências antimatrimoniais" — que podiam se explicar pela vontade de terminar a instalação da casa e retardar o casamento até que se pudesse considerá-lo razoavelmente. Essa espera criava uma tensão enorme nos homens jovens, com apetites carnisais vigorosos. Nesse contexto, mais de um autor pensava que a prostituição constituía uma válvula de escape essencial para a sexualidade.

Havia boas e comprovadas razões para acreditar que não se podia fazer desaparecer a prostituição. "No estado atual da sociedade inglesa, escrevia W.R. Greg em seu célebre artigo de 1850, com condições de vida tão difíceis, a falta de recursos que impede o casamento, com essas milhares de pessoas no nível, e às vezes abaixo, do limiar de pobreza, para quem a miséria é mais forte do que a vontade, com a ociosidade que reina entre os ricos, a educação que falta aos pobres, com o vício tão consagrado por séculos de hábitos que o tornaram banal (...) tememos que o desaparecimento dessa prática, ou mesmo sua passagem de regra para exceção, não seja um processo lento, progressivo e eminentemente difícil." Em sua opinião, era impossível suprimir a prostituição através de medidas penais repressivas contra pessoas maiores. Mas por outro lado, ele se preocupava com os efeitos evidentes da sífilis sobre a população inteira.

Tradicionalmente, os ingleses continuavam hostis à ingerência das autoridades públicas, enquanto na França e em outros países do continente, suas vantagens eram reconhecidas. Os argumentos de Greg sobre esse ponto preciso foram retomados por outros e resultaram na adoção de medidas regulamentares no Reino Unido em 1864, medidas que só durariam até 1886, num clima de contestação crescente.

Os reguladores do vício

As estatísticas médicas revelaram que em 1864 um terço das doenças no exército era de origem venérea. Foi nesse contexto que foram aprovadas as leis sobre as doenças contagiosas de 1864, 1866 e 1869, legislação aplicada em onze cidades com guarnição militar e portos de comércio. As prostitutas notórias e as mulheres suspeitas de se dedicarem à prostituição deviam se submeter a um exame médico, sob pena de serem processadas. Toda prostituta doente devia ser internada num hospital dito especializado (*lock hospital*). William Harris, delegado-adjunto da polícia urbana, queria que essa legislação sobre as doenças venéreas fosse aplicada em Londres e defendeu ardentemente essa medida diante de uma comissão da Câmara dos Lords em 1868. Durante um certo tempo, a opinião pública pareceu, primeiramente, inclinar-se para essa direção, até que o relatório publicado no mesmo ano por sir John Simon, médico responsável pela saúde no Conselho Privado, demonstrou que as medidas sanitárias previstas por essas leis eram inaplicáveis em Londres.

As reticências de Simon coincidiram com o nascimento de uma oposição cada vez mais forte, tendo como tema a acusação de "dois pesos, duas medidas". As leis pressupunham que a responsabilidade pela propagação da doença era das mulheres, e não dos homens, e por outro lado só as mulheres eram submetidas ao exame médico obrigatório. Josephine Butler, esposa de um diretor de escola em Liverpool, tomou essa bandeira e deu à sua campanha um tom resolutamente feminista: "Cabe às mulheres tomar a iniciativa para combater agora as normas convencionais e estabelecidas da sociedade quanto à moral sexual." Longe de ser fácil, essa campanha exigiu 16 anos e o apoio dos homens para acabar com esse exemplo de discriminação sexual.

Damas da burguesia, de uma respeitabilidade sem mácula, emprestaram sua solidariedade aos membros decaídos do seu sexo. Algumas até sugeriram que a prostituição não estava tão distante da realidade de muitos casamentos. Uma delas escreveu que esperava o dia em que "as mulheres ousariam enfrentar a pobreza, a solidão, o desprezo e até a miséria, em vez de vender-se a um marido rico ou a um comprador menos conveniente". Sem castidade masculina, a castidade feminina era impossível... A tarefa a cumprir era tornar o casamento mais "moral", ou seja, torná-lo mais capaz de satisfazer as necessidades sexuais de homens e mulheres.

Esse era um objetivo a longo prazo. De imediato, motivados por uma curiosa mistura de medo, ódio e pena, um grande número de

indivíduos e de organizações desempenhavam um papel ativo em favor das "mulheres perdidas".

Lares e asilos não faltavam na capital; Mayhew recenseou 19, desde o Asilo para mulheres arrependidas da Grã-Bretanha em Islington até a Casa de correção das mulheres londrinas em Euston Road. Na sua autobiografia, Trollope criticou esse gênero de estabelecimentos, fundados sobre o princípio de que o único arrependimento aceitável para a sociedade em troca de um lugar era a reclusão. O movimento da Assembléia da meia-noite procurava levar as prostitutas a uma tomada de consciência e o reverendo Baptist Noel não hesitou em pregar entre elas, mas sem muito sucesso. A Casa do perdão foi fundada em junho de 1849, perto de Windsor, sob o alto patrocínio e com a ajuda da Igreja Anglicana.

Esse devotamento não era privilégio dos evangélicos.

A atitude de Charles Dickens sobre essa questão é significativa. Em *Oliver Twist*, ele tinha criticado precocemente a noção convencional de que a mulher só podia ser pura ou totalmente corrompida. Nancy era companheira de assassinos e ladrões e também prostituta, mas era boa. Sua morte foi mais um ato de redenção do que de destruição. Entretanto, alguns críticos notaram que nada no personagem de Nancy indicava explicitamente que se tratava de uma prostituta. Só no prefácio à terceira edição (1841) Dickens empregou efetivamente o termo, que não aparece no romance.

O interesse de Dickens pelas prostitutas não se limitava às páginas de um romance. No início dos anos 1840, principiou uma longa correspondência com Angela Burdett-Coutts sobre o projeto de criação de um lar destinado a ajudar as prostitutas e a trabalhar por sua recuperação. O tom que ele emprega no seu "Apelo às mulheres perdidas" é muito sintomático. Chamava a atenção para esse programa, que ofereceria às jovens mulheres uma chance de sair dessa triste vida. Seu tom não era moralizante, e ele lhes escrevia "como se você fosse minha irmã". O que se queria era um lar onde elas aprenderiam os trabalhos domésticos. Teriam talvez dificuldade de formarem novos hábitos, mas deveriam dedicar-se de corpo e alma. Não eram palavras vãs.

Dickens cuidou pessoalmente de áreas tão diversas quanto a decoração da casa e o uniforme das pensionistas. As mulheres deviam se vestir como "simples e honestas domésticas". Um crítico conceituado de Dickens afirma que "as prostitutas que foram para o lar provavelmente se adaptaram à idéia de Dickens, isto é, elas estariam atormentadas pela vergonha e pelo remorso". O postulado de Dickens era que não se podia realmente devolvê-las à sua verdadeira condição de

mulher, mas elas poderiam ao menos ser úteis nas colônias. Fez um relato da experiência do lar *Urania Cottage* num artigo anônimo de *Household Words*, publicado em abril de 1853. Afirmava que, de 57 pensionistas, 30 foram enviadas à Austrália e a outros países, e sete se casaram na Inglaterra. Quanto às outras, sete deixaram o lar por sua própria iniciativa, dez foram expulsas e três recaíram, ao irem para a Austrália. Dickens avaliava que a experiência fora um sucesso na metade dos casos.

Os esforços de Dickens tiveram a concorrência de um personagem ainda mais central da época vitoriana: William Ewart Gladstone. No começo, a sua "obra de salvação", como ele a chamava, foi um ato de caridade clássica. Em maio de 1849, começou a ir ao encontro das prostitutas na rua, à noite, e em julho de 1850 decidiu encontrá-las todos os dias, nas vizinhanças da Sala Argyll. Em janeiro de 1854, já falara com 80 ou 90 prostitutas, mas só podia reivindicar a conversão de uma delas. Outra lhe escreveu, da Casa do perdão, para lhe dizer que certamente ele tivera a intenção de lhe fazer bem, mas que se ela tivesse que ficar ali durante um ano, se suicidaria. Apesar disso, Gladstone continuou com sua ação, insensível aos riscos políticos que corria, e também ao fato de que se expunha a terríveis tentações sexuais.

É impossível determinar a natureza exata das relações que Gladstone mantinha com as prostitutas que encontrava, mas, no mínimo, pode-se dizer que "brincava com fogo". Em seu diário, consagrou um tempo e um número de páginas infinitos às suas relações com as prostitutas, assunto que se tornou "o fardo mais pesado da minha alma". H.C.G. Matthew, biógrafo de Gladstone e editor do seu diário, faz este comentário: é tentador considerá-lo Gladstone, por causa de sua importância no plano religioso e político, como um caso excepcional; ele sublinha, entretanto, que se os burgueses vitorianos tivessem feito um relato de sua vida secreta com tanta aplicação e honestidade, não se pensaria assim. Ele teria, antes, a imagem não de um excêntrico, mas de um partidário resolutivo da abstinência. Seja isso verdade ou não, pode-se afirmar com certeza que o "mundo da prostituição" mantinha laços mais estreitos com o "mundo real" do que muitos londrinos do fim da era vitoriana gostariam de admitir.